

A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação

Soraya Castro de Lima Oliveira^{1*}
Gustavo Siqueira da Silva^{2**}

Resumo

O trabalho delinea a relevância do estudo geográfico de caráter cultural, demonstra um possível campo de estudo a partir da análise do território e da territorialidade do quilombo Fazenda Machadinho em Quissamã/RJ e aponta os caminhos para a realização desta averiguação. Tal trabalho leva em consideração a importância que o aspecto cultural vem ganhando na análise das problemáticas geográficas, uma vez que apreciações pautadas apenas no caráter político e econômico, em algumas situações, não têm dado conta de compreendê-las. Visa-se com isto trazer contribuição para a ciência geográfica, principalmente ao ramo da geografia cultural.

Introdução

A geografia cultural no Brasil ainda não desfruta do prestígio que outros ramos da área geográfica possuem. Muito disso se deve ao fato de a dimensão cultural ter sido negligenciada ou entendida a partir do senso comum em relação às problemáticas geográficas. Contudo, já se tem por revelado que a heterogeneidade do país, bem como os seus inúmeros processos históricos, envolvendo sociedade e natureza, o torna um excelente campo para estudos nesta área.

A temática proposta neste artigo - território e territorialidade: uma investigação do quilombo Fazenda Machadinho em Quissamã/RJ sob a ótica da Geografia Cultural trata de uma perspectiva de estudo neste ramo geográfico há muito negligenciado. Este convém para melhor compreensão desta comunidade que possui forte caráter cultural; conseqüentemente ressalta a importância do aspecto cultural na análise de determinadas realidades geográficas.

Apesar de a geografia cultural ainda não ocupar o mesmo lugar de “importância” no cenário científico em geral, e geográfico em particular, cada vez mais tem se dado destaque à dimensão cultural na geografia, como afirma Bonnemaion (2002, p. 86):

Dedica-se hoje uma atenção nova à irredutibilidade do fato cultural. Este não é mais visto como a superestrutura vaga e fluida na qual se tenta encerrar uma concepção bastante materialista. A cultura hoje tende a ser compreendida como uma vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como uma “visão de mundo” que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço.

^{1*} Graduanda de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFF/campus Campos-Centro. E-mail: sorayacastrodelima@gmail.com.

^{2**} Professor do curso de Licenciatura Plena em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFF. Mestre em Geografia pela Universidade Federal Santa Maria. Doutorando da Universidade Federal Fluminense - UFF. E-mail: gsiqueira@iff.edu.br.

Portanto, a cultura em seu aspecto mais completo, ou seja, não “somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados [...]), um sistema simbólico (mitos e ritos [...]) e um sistema imaginário” (ZANATTA, 2008, p. 254), torna-se um meio pelo qual o indivíduo, ou grupo, torna inteligível o espaço e a forma de viver e atuar nele.

A importância do estudo de caráter cultural advém do fato que o espaço social está carregado de uma noção subjetiva e cultural e, estes o influenciam de forma preponderante. Portanto, analisar determinados aspectos geográficos apenas no âmbito econômico e político esvazia a averiguação a ser feita, conforme exposto por Rosendahl e Corrêa (1999, p. 8-9):

[...] as explicações em voga, fortemente calcadas em uma perspectiva econômica não são capazes de dar conta dos processos, formas e interações espaciais, portadoras de uma objetividade, mas também geradoras de uma avaliação que culmina com diferentes intersubjetividades.

Neste sentido, a proposta de estudar o território e territorialidade do quilombo em questão a partir dos aspectos culturais, leva em consideração que esta comunidade compartilha crenças, costumes e pensamentos em comum; esforça-se ao passar esta cultura aos seus descendentes e, seus componentes, recordam um mesmo passado histórico. Observa-se, portanto, que a dimensão cultural intimamente presente neste grupo interfere nestes aspectos geográficos, o território e a territorialidade.

Tal fato se revela, até mesmo, nos investimentos feitos, principalmente por parte da Prefeitura de Quissamã, no regaste das tradições e memórias desde grupo, através da dança, da culinária, da preservação do patrimônio arquitetônico, do incentivo ao turismo, entre outros; que de modo direto ou indireto contribuem na constituição do território e no exercício da territorialidade. Porém, esta valorização não se resume apenas aos aspectos materiais da cultura, mas em uma visão preliminar observa-se uma conotação de caráter mais subjetivo a partir da identidade, que neste caso, perpassa, senão contundentemente pela autodefinição como quilombolas, ao menos no discurso e no reconhecimento, como tais, pelos de fora.

A influência do aspecto cultural sobre o território e a territorialidade a exemplo da comunidade Fazenda Machadinha, não se trata de algo incomum, pelo contrário, assim como nesta comunidade estes aspectos geográficos decorrem e recorrem à dimensão cultural para se fortalecerem, em outros casos, principalmente, em grupos ou comunidades onde pode se detectar uma forte conotação cultural, também, e estes, só são compreendidos em sua essência, quando se leva em consideração este aspecto.

Portanto, a aplicação do conceito de cultura às problemáticas geográficas significa examinar e buscar compreender os conceitos geográficos, tais como – lugar, paisagem, território, territorialidade e espaço - sob a influência da dimensão cultural. Sem intencionar elevá-la a um caráter de superestrutura e supraorgânica, apenas entendendo-a como uma forma de compreender e conceber o espaço e agir sobre ele. Neste sentido, “a análise cultural em geografia pode ser uma nova abordagem para descobrir aquilo que Claude Raffestin denomina a “geoestrutura”, isto é, um “sistema real a se tornar inteligível” (BONNEMAISON, 2002, p.86).

A seguir, tem-se um relato do desenvolvimento da geografia cultural, a fim de clarificar esta perspectiva geográfica e a esquematização do estudo proposto a partir de sua descrição, como forma de demonstrar a aplicabilidade da abordagem cultural em geografia e sua importância.

Conhecendo a geografia Cultural

A geografia cultural tem suas origens na Europa do final do século XIX e início do século XX juntamente com a sistematização da geografia como ciência acadêmica no debate sobre sua identidade, ou seja, sobre o que era inerente a ela como ciência. A esse período de suas origens relaciona-se também, o debate entre o positivismo e o historicismo que influenciou de forma significativa em sua sistematização.

O interesse pelo aspecto cultural na geografia começou a vir à tona a partir da constatação da diversidade que a ação do homem produzia na superfície da Terra que diferenciava os espaços em função do caráter efetivamente cultural, ou seja, a partir dos artefatos, das técnicas e do modo de vida.

Grandes nomes da geografia contribuíram para a sistematização da abordagem cultural na geografia dentre eles pode-se citar Ratzel e Vidal de La Blache.

Segundo Zanatta (2008), Ratzel foi um dos primeiros geógrafos a considerar o aspecto cultural em seus trabalhos. Em seu livro *Antropogeografia* fundou as bases que têm sustentado até hoje a geografia humana, que se interessa, em sentido mais restrito, na relação do homem com seu meio. Com esta obra, Ratzel se tornou o apóstolo do ambientalismo, o que fez com que muitos dos seus estudos culturais posteriores fossem negligenciados; tais estudos se referiam, conforme Sauer (2003, p. 20), “à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das vias principais de comunicação”. Ainda Sauer (idem), “aparentemente, Ratzel não considerava sua *Antropogeographie* mais que um estímulo e uma introdução a uma geografia humana que devia fundamentar-se em um estudo da cultura”

Já Vidal de La Blache elaborou o conceito de gênero de vida, a partir do “*possibilismo*”, que sustentava a ideia de que o meio físico condiciona o modo de vida dos grupos, mas que estes podiam interferir nele através do seu estágio de desenvolvimento civilizatório, cultural e tecnológico. Claval (2003, p. 149) explica a presença do aspecto cultural nas obras de La Blache:

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a idéia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares.

Portanto, a cultura estava presente na obra de La Blache a partir das técnicas que possibilitavam a modificação do meio e da “força do hábito” que davam estabilidade ao grupo.

Apesar das diferenças conceituais e teóricas entre Ratzel e La Blache, a colaboração dos dois para a geografia cultural reside no fato de ambos conceberem a cultura como um meio entre o homem e o meio natural. A concepção de cultura, contudo, se limitava aos utensílios, técnicas e formas de habitar que permitiam aos grupos modelar as paisagens.

Outro nome relevante foi Otto Schultze que a partir do crescimento da geografia humana com base nos estudos da paisagem humanizada elaborou o conceito de paisagem cultural. Neste sentido, Zanatta (2008, p. 253) confirma o interesse neste período pelo estudo da paisagem e como este se dava, sendo a

[...] paisagem, um dos conceitos mais antigos da geografia, foi um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães e franceses na perspectiva cultural. Nessa abordagem, era privilegiada a análise morfológica da paisagem, sendo a cultura apreendida através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos aspectos materiais, utilizados pelo homem de forma a modificar o ambiente natural visando torná-lo mais produtivo. Tal postura se explica pelo fato de que, nessa época, a epistemologia da geografia era de inspiração naturalista ou positivista. Conseqüentemente, os geógrafos desse período não puderam dar à cultura seu devido papel na explicação dos problemas geográficos.

Neste contexto, até a primeira metade do século XX, a preferência de estudo dos geógrafos repousava nas paisagens culturais e no gênero de vida.

Mas, foi nos Estados Unidos, a partir de 1925, que a Geografia Cultural ganhou expressividade com Carl Sauer e seus discípulos da Escola de Berkeley. Eles privilegiaram o estudo da cultura, história da cultura, área cultural e ecologia cultural.

Sauer definiu a paisagem geográfica como resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. Na leitura de Ducan *apud* Corrêa (2003, p.11), Sauer concebia a cultura da seguinte maneira:

[...] como uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era, assim, concebida

como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura.

Encarada desta forma, a cultura teria *status* ontológico e poder causativo, uma entidade acima do homem e que não se reduziria às ações deste. Na verdade, os indivíduos, neste contexto, seriam meros mensageiros incumbidos de levar as informações das forças culturais através das gerações e de lugar para lugar.

Outro aspecto a ser ressaltado da abordagem cultura na geografia de Sauer, e compartilhado também por outros geógrafos e especialistas de outras áreas, era a ênfase no aspecto material da cultura, assim estudava-se o *habitat*, artefatos, técnicas, utensílios entre outros, em detrimento do caráter subjetivo da cultura. Dado sua concepção de cultura, e a ênfase em sua dimensão material muitas foram as críticas à Sauer e à Escola de Berkely, em que pesem tais críticas, é inegável sua contribuição à geografia cultural, influenciando-a até mesmo durante sua renovação.

Até 1940 a geografia cultural se mantinha em ascensão, porém nas décadas que se seguiram, 1950, 1960 e 1970, houve um esfriamento no interesse por esse seguimento geográfico, dado que não se considerava o aspecto subjetivo da cultura e, juntamente com isto, as mudanças que estavam ocorrendo no cenário mundial faziam com que as linhas de estudos até então vigentes, não fossem correspondentes com a realidade.

Assim, pensava-se que a geografia cultural estava fadada ao desaparecimento, mas no final da década de 1970 e durante a seguinte, a geografia cultural passa por um processo de renovação a partir da crítica à Escola de Berkeley, mas também, à geografia vidaliana. Esta renovação se faz em um contexto denominado de “virada cultural” onde houve uma grande valorização da cultura. Conforme destaca Corrêa (1999, p. 51):

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo.

A renovação da geografia cultural recebeu influência tanto das antigas bases da geografia cultural de Sauer e da herança vidaliana, quanto das ciências neste momento em destaque como o materialismo histórico e a filosofia dos significados. Porém, o ponto mais relevante para sua renovação foi colocar o homem no centro de suas análises.

Nesta perspectiva renovada da geografia cultural, a cultura é liberada da visão supra-orgânica e passa a ser “vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.” (CORRÊA, 2003, p. 13).

Porém, a cultura ainda é considerada como sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores que é criada no seio das relações sociais.

Nesta nova concepção da cultura passa-se a dar lugar à sua dimensão subjetiva, mas não se negligencia seu aspecto material, a diferença é que, agora, os dois aspectos passam a ser analisados em termos de seus significados e como parte integrante da espacialidade humana. Assim, os conceitos básicos da geografia – lugar, território, paisagem, espaço, territorialidade – passam a ser estudados a partir das redes simbólicas que envolvem a sua construção cultural. Neste contexto, surgem novas temáticas tais como: manifestações culturais, identidade espacial, percepção ambiental, representações sociais, estudo das religiões, entre outras.

Por conseguinte, o estudo aqui sugerido, propende a se basear nas bases teóricas dessa nova geografia cultural, trazendo a proposta de analisar a influência da cultura sobre o território e a territorialidade do quilombo Fazenda Machadinha. Relembrando que, existem objetos de estudos geográficos que para sua plena compreensão, necessitam incontestavelmente perpassar a dimensão cultural; exemplo disso consiste os grupos culturais ou étnicos que têm empregado sua cultura como uma estratégia de conquista territorial tanto na vertente de domínio físico, quanto simbólico a partir da afetividade. Defendendo ideia semelhante Bonnemaion (2002, p. 101-102) destaca que:



A idéia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da idéia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica entre cultura e espaço. A partir daí, podemos chamar de abordagem cultural ou análise geocultural tudo aquilo que consiste em fazer ressurgir as relações que existem no nível espacial entre etnia e sua cultura.

Portanto, tal proposta de estudo, tem em vista que a partir de valores e ideologias um território se desenvolve e adquire forma, como afirma Haesbaert (1999, p. 171), em relação à importância da dimensão simbólica na constituição de um território:

Os grupos sociais podem muito bem forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz uso de fronteiras territoriais para se fortalecer).

Na geografia cultural, o apego ao território é uma forma de manter viva a memória de um grupo, de reviver os seus mitos e ideologias e de reforçar sua identidade de modo que, o pouco domínio sobre esta parcela do espaço ou a perda do mesmo torna-se uma ameaça ao “existir” do grupo. Mas, na mesma medida que tal relação se estabelece, em contrapartida há também uma reafirmação do território e da territorialidade através da cultura.

Neste caso leva-se, também, em consideração que grupos culturais ou étnicos se revestem fortemente de um discurso territorial para se legitimarem.

Portanto, na relação entre cultura e território tem-se que, ao se reconstruir “*simbolicamente um espaço, sua dimensão mais concreta constitui*, de alguma forma, um componente estruturador da identidade” (HAESBAERT, 1999, p. 174). Ou seja, a dimensão simbólica da identidade necessita de um referencial concreto para se realizar, neste caso, o território que reforça a identidade do grupo e reafirma o domínio sobre aquele. Cabe, portanto, averiguar se o grupo submetido à investigação possui esta identidade territorial e o modo que ela foi constituída ou, se não.

Longe de negligenciar o aspecto político e econômico do território, entende-se que a cultura se torna um mediador nas relações de poder e é neste sentido que se tem o exercício da territorialidade através da cultura. Nessa perspectiva, como afirma Bonnemaïson (2002, p.97), “toda cultura se encarna, para além de um discurso, em uma forma de territorialidade”.

A territorialidade é um comportamento espacial que serve para enraizar e dar mobilidade ao grupo (BONNEMAISON, 2002), isso ocorre a partir da própria característica inerente a ela, pois como defende Sack (1986, p. 2) ela é: “melhor entendida como uma estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar fontes e pessoas, controlando área. Portanto, ao controlar uma área busca-se o domínio sobre fontes e pessoas tanto dentro, quanto fora dela no sentido de fixar o grupo ao território e dar mobilidade fora dele. Segundo Sack (apud HAESBAERT, 2001, p. 119-120) a cultura influencia na territorialidade, principalmente no que diz respeito à forma como esta vai ser exercida, nesse sentido ele afirma:

Assim como a cultura, a tradição e a história medeiam a mudança econômica, também medeiam o modo como as pessoas usam a territorialidade e o modo como elas valorizam a terra. [...] A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico por meio do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significados.

Portanto, cabe ao geógrafo cultural investigar como em um determinado grupo sua cultura medeia o exercício da territorialidade e, conseqüentemente o domínio sobre um espaço nas relações de poder que se estabelecem.

Compartilhando da ideia de Sack (1986) de que a territorialidade pode ou não ser utilizada e a forma como esta é empregada depende de quem a está usando e controlando o que ou quem, torna-se importante averiguar em geografia cultural se e como o grupo cultural emprega ou não estratégia e por quê.

A geografia cultural em ação: a aplicação da teoria

Tendo em vista que a geografia cultural se constitui na relação entre espaço e cultura, busca-se a partir desse campo teórico compreender as problemáticas geográficas por meio dos aspectos da cultura material e não material. Tal finalidade tem em vista que a análise de algumas questões apenas sobre o ponto de vista político ou econômico não dão conta de compreendê-las, o que vem cada vez mais evidenciar o papel da cultura e sua importância.

Desta maneira, entende-se que a análise do Quilombo Fazenda Machadinho sob a ótica da geografia cultural se enquadra no contexto em questão, pois, percebe-se que um estudo geográfico do mesmo não pode negligenciar tal dimensão, uma vez que esta comunidade se caracteriza pelo aspecto étnico e cultural. Portanto, objetiva-se mostrar a dimensão espacial da cultura, ou seja, uma análise material e não material, em termos de seus significados, que influenciam a espacialidade deste grupo dotando de caráter peculiar a área que estes ocupam e, fortalecem sua identidade. A espacialidade será averiguada a partir da constituição do território e do exercício da territorialidade.

O objetivo tem em vista que esta comunidade dispõe fortemente de um caráter cultural que a identifica já que, guarda um passado histórico que envolve aspectos, da monocultura de açúcar, do engenho e da escravidão e, além disso, preserva as antigas senzalas datadas desta época e cultiva costumes e valores que remetem à herança africana. Todos os seus aspectos culturais estão ligados a um sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta nas relações sociais do grupo e, também, espacialmente.

Portanto, para o alcance do objetivo geral proposto, três pontos se tornam fundamentais: O primeiro trata de procurar compreender como se dá a relação entre identidade e território na comunidade em questão, uma vez que uma identidade social ao recorrer a uma base territorial para sua constituição se fortalece e, ao mesmo tempo, reforça o território (HAESBAERT, 1999). Neste sentido, torna-se necessário compreender como a reivindicação da identidade afrodescendente, no caso em tela, recorre à base territorial para a sua legitimação e fortalecimento e, como esta, acaba por fortalecer o domínio físico e afetivo sobre o território. Esta averiguação torna-se necessária, uma vez que já se tem por sabido os direitos fundiários e culturais assegurados aos seguimentos da sociedade que se intitulam afrodescendentes, a partir dos artigos 68, 215 e 216 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, como demonstra os principais pontos da mesma, a seguir:

Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, [...]

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

O segundo ponto é entender a importância da cultura, em termos de seus significados, no exercício da territorialidade; já que, a cultura utilizada como uma estratégia de conquista territorial gera conseqüentemente uma forma de territorialidade, ou seja, a dimensão cultural torna-se um meio para influenciar, exercer o poder e o controle sobre tudo tanto dentro do limite territorial quanto fora dele, podendo ser recorrida ou não em contextos diversos. Portanto, torna-se importante no estudo em questão, compreender se e, sobre quais condições, o aspecto cultural da comunidade quilombola de Machadinho tem possibilitado essa estratégia de controle, de poder e ação sobre pessoas, instituições e coisas e, conseqüentemente, de reafirmação e

manutenção do território deste grupo; ou se tal estratégia da territorialidade não tem sido empregada e por quê.

Por fim, como terceiro ponto, entendendo-se que o território responde uma função política, acredita-se ser relevante averiguar a ação do poder público a partir da Prefeitura de Quissamã, já que se constatam os investimentos nesta comunidade, portanto, torna-se importante compreender como eles influenciam o território.

Cabe ressaltar, que não é intuito principal explicar completamente o funcionamento interno da cultura e os comportamentos da comunidade, mas sim averiguar a influência dos aspectos culturais sobre as problemáticas geográficas, uma vez que estes referenciam grupos definidos em um espaço determinado.

Os caminhos para se fazer

Para execução deste trabalho e alcance dos objetivos propostos, alguns procedimentos foram realizados para levantamento dos aportes teóricos, dados e informações necessárias. Neste sentido, utilizou-se uma série de fontes, dentro da tipologia destas enquadraram-se: fontes bibliográficas escritas impressas e bibliográficas eletrônicas, para levantamento dos aportes teóricos principalmente na área de geografia cultural. Recorreu-se também ao site da Prefeitura de Quissamã e ao site que dispõe os artigos da Constituição Federal de 1988 que garante direitos aos remanescentes das comunidades quilombolas.

Tais fontes foram utilizadas principalmente através do método de gabinete, onde foi dedicado tempo à leitura, fichamento e análise de textos relacionados à temática em questão e levantamento de legislações e informações sobre o quilombo Fazenda Machadinho. Após a delimitação dos aportes teóricos a serem utilizados e reunião dos dados necessários valeu-se do método dedutivo para a proposição do estudo do quilombo Fazenda Machadinho sob a ótica da geografia cultural.

Cabe ressaltar que tal metodologia de trabalho adotada não é um modelo específico da geografia cultural, aliás, não existe um método estabelecido para estudo em geografia cultural, porém torna-se de suma importância conhecer ao máximo o aspecto cultural a que se dedica o estudo e, principalmente como este se dá no objeto a ser estudado. Portanto, entende-se que um estudo empírico empenhado em descobrir ao máximo os detalhes culturais do objeto de estudo torna-se de grande valia na compreensão do mesmo.

Considerações Finais

Este trabalho traz contribuição para a ciência geográfica, uma vez que vem reforçar a importância de se considerar a dimensão cultural em análises e compreensões espaciais específicas, principalmente onde se pode observar uma forte base cultural a exemplo dos grupos étnicos ou culturais. Saindo de uma visão simplista e negligenciada da cultura, ou daquela que a concebe como sendo supraorgânica, entende-se sua importância a partir da visão de Corrêa (2003, p. 13) que a define como “um reflexo, uma mediação e uma condição social” que influencia e é influenciada pelos aspectos espaciais.

A partir da observação de que o ambiente acadêmico de geografia do IFF ainda não dá o mesmo espaço ao ramo da geografia cultural como dá aos demais, vislumbra-se também, que este trabalho traga maior compreensão da geografia cultural neste ambiente acadêmico e conseqüentemente incentive o interesse dos alunos e uma maior produção nesta área.

Buscou-se com este trabalho revelar um pouco mais da geografia cultural e sua importância nas problemáticas geográficas, através da articulação da abordagem cultural com os conceitos e temas de território e territorialidade revelando que, limitar a análise desses aspectos apenas aos âmbitos econômico e político enfraquece a explicação de alguns fatos geográficos. Conseqüentemente, ao trazer o estudo de caso do quilombo Fazenda Machadinho, demonstrou-se a aplicabilidade do referencial teórico deste ramo geográfico e reforçou-se sua importância na análise geográfica.

Não se trata de supervalorizar a dimensão cultural, mas entender sua importância em casos específicos influenciando diretamente em questões de destaque em análises geográficas, tais como: lugar, paisagem, território, territorialidade e espaço.

Posteriormente, com o aprofundamento do estudo em questão a partir do trabalho de conclusão de curso, espera-se que tal investigação do quilombo Fazenda Machadinho sob a ótica da geografia cultural, venha mostrar ainda mais a relevância de análises nesta perspectiva trazendo contribuições ao ramo da geografia cultural e, se possível, também no âmbito social, trazendo apoio à valorização desta comunidade.

Referências

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132. (Série Geografia Cultural).

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Arts. 68, 215 e 216. Disponível em: <<http://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/artigos-68-215-e-216.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2010.

CLAVAL, Paul. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58. (Série Geografia Cultural).

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: Introduzindo a Temática, os Textos e uma Agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190. (Série Geografia Cultural).

HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 115-144. (Série Geografia Cultural).

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. Apresentação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 7-13. (Série Geografia Cultural).

SACK, Robert David. *Human Territoriality: Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. A Abordagem Cultural na Geografia. *Temporis(ação)* (UEG), v.1, p.249-262, 2008. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/28/45>>. Acesso em: 30 set. 2010.